

Liberdade vs. Libertinagem: Compreendendo as consequências da Revolução Sexual a partir da Logoterapia Frankliana

Manuela Duarte Almeida Pinto

Resumo

O presente trabalho tem como tema Liberdade vs. Libertinagem: Compreendendo as consequências da Revolução Sexual a partir da Logoterapia Frankliana, onde os objetivos são demonstrar a diferença entre os conceitos de liberdade e libertinagem, descrever o que é a Revolução Sexual, bem como seus marcos na história e, por fim, compreender e identificar as consequências que o movimento teve à luz da Logoterapia Frankliana. Para isso, utilizou-se o método de revisão de literatura integrativa. Como fonte, foram utilizadas informações de obras já existentes sobre o conteúdo de liberdade, libertinagem, Revolução Sexual e Logoterapia. Essas informações foram sintetizadas e organizadas para maior compreensão do tema do trabalho. Por fim, chegou-se à conclusão de que as consequências da Revolução Sexual fizeram com que, atualmente, seja grande o número de pessoas que sofrem com o vazio existencial, com queda de funções limitadoras e reguladoras, que são indispensáveis à pessoa humana. Dessa forma, faz-se necessário investir em uma educação sexual que preze a figura de pessoa humana como ser-consciente e ser-responsável, além de trabalhar com as pessoas o sentido do amor.

Palavras-chave: Liberdade; Libertinagem; Revolução Sexual; Logoterapia

Introdução

Falar sobre liberdade é falar sobre formas e condições de agir. O indivíduo que se diz livre, coloca-se como alguém que pode agir de qualquer maneira, sob qualquer padrão e de acordo com perspectivas que ele mesmo julga serem adequadas, ou não, ao momento. Ou seja, ele age segundo a sua vontade.

Faz-se necessário pensar, porém, que a liberdade do ser humano é limitada por possuir condicionamentos de natureza biológica, psicológica ou, ainda, sociológica (Frankl, 2018). Contudo, em grande parte das vezes, esses condicionantes não retiram a liberdade que o indivíduo possui de agir diante da situação externa em que se encontra.

Tal como a liberdade, o termo libertinagem desencadeia discussões a respeito de seu significado. Sabe-se que as ideias de libertinagem se deram no século XVIII, na Europa. Os indivíduos considerados libertinos conduziam-se de maneira corrupta e licenciosa, ultrapassando os limites da liberdade. Eram devassos dos costumes da época (Nunes, 2019). Um dos casos mais utilizados como exemplo, mesmo no senso comum, é a entrega total do indivíduo aos prazeres sexuais, algo que será abordado nesta pesquisa através dos temas da sexualidade e da Revolução Sexual.

Desenvolver o assunto da sexualidade causa, entre grupos e pessoas, certa polêmica: falar ou não falar a respeito, existem restrições ou limites, como deve ou não deve ser feito, o que é pecado ou o que é digno, o que deve ser considerado crime, o que deve ser liberado, entre outras, são perguntas e discussões que sondam e rodeiam a humanidade desde sempre. Campagnolo (2019) afirma que o sexo pode ser utilizado com três finalidades: a fisiológica, através da sedução, para obtenção de prazer entre as pessoas; a material, para obtenção de bens através da manipulação de fraquezas ou desejos das pessoas; e, por fim, a política, a qual utiliza de todas as intenções, desejos, fraquezas que são relacionados ao sexo para conseguir controle sobre aquelas pessoas. Este é o fim utilizado pelo movimento chamado de Revolução Sexual. Esse movimento tem seu início no século XVIII, mas atinge o seu ápice na década de 60, no século XX. Alguns indivíduos entendem, por diversas razões, que se liberados sexualmente para fazerem o que desejarem em relação aos seus atos sexuais eles tornam-se pessoas verdadeiramente livres. Caso haja proibição no âmbito sexual, o indivíduo pode se considerar vivenciando um tipo de opressão (Campanholo, 2019).

O objetivo desse trabalho, então, é compreender as consequências da Revolução Sexual a partir da visão da Logoterapia Frankliana, considerando a diferença de conceitos entre liberdade e libertinagem. Para isso, foi utilizado, através da abordagem metodológica

qualitativa, o método de revisão de literatura integrativa. Esse método sintetiza, ordena e abrange, de maneira sistemática, o tema de uma ou mais pesquisas. Proporciona amplas informações sobre um determinado assunto, fornecendo compreensão mais completa desse tema (Ercole, Melo & Alcoforado, 2014).

O artigo organizou-se, então, da seguinte forma: como referencial teórico, para definição de libertinagem, foi realizada pesquisa nas ferramentas Google Scholar e Scielo e escolhido o artigo de Nunes (2019), “Discursos libertinos, iluminismo e cultura religiosa no mundo luso-brasileiro ao final do século XVIII”, diante das poucas opções presentes a respeito do assunto. O conceito de liberdade foi buscado no curso ministrado pelo Marcus Boeira: “Como a liberdade foi tratada pelas grandes escolas pedagógicas do Ocidente”; e em Logoterapia, nas obras de Viktor Frankl: “Psicoterapia e Sentido da Vida” e “Psicoterapia para todos”. Sobre sexualidade e Logoterapia, as obras de Marina Lemos Silveira Freitas, “Educação Integradora da Sexualidade Humana: resgate do sentido do amor” e de Elizabeth Kipman Cerqueira, “Sexualidade, gênero e desafios bioéticos”. Sobre o conceito e o histórico da Revolução Sexual foram utilizados a obra de Ana Carolina Campagnolo, “Feminismo: perversão e subversão”, e o livro “Libido Dominandi: libertação sexual e controle político”, de E. Michael Jones.

Referencial Teórico

Liberdade vs. Libertinagem

Muito comuns nos dias atuais, as discussões a respeito de como a realidade social dos indivíduos age em seus destinos, condicionando suas vidas, são intensas. A liberdade é pensada em campos científicos específicos e populares, como dentro da Filosofia Política, da Moral, do Direito, da Sociologia, da Econômica, entre outras. Dentro desses campos, torna-se difícil encontrar qualquer tipo de reflexão que desenvolva a ideia da liberdade como um ato de vida, dotado de sentido e de significado e que está diretamente ligado, dentro da história das sociedades humanas, à educação (Boeira, 2020).

De acordo com o professor Marcus Boeira (2020), a liberdade é um ato da virtude e não apenas uma condição ou capacidade para agir de qualquer maneira sob qualquer padrão. Ser virtuoso vai além de ter um hábito bom: é um hábito bom segundo a razão, um hábito que educa o interior do indivíduo para que ele possa viver de acordo com o fim que escolheu para a sua conduta de vida. Por exemplo, podemos citar a temperança como uma virtude, trazida por Aristóteles, como a capacidade de autodomínio. É a prática de não ter determinado hábito, mesmo nas circunstâncias mais diversas. O contrário dela, chamado vício, é o descontrole. Como exemplo prático, é possível citar a hipótese de um indivíduo que, ao entrar em um bar, tenha a vontade de beber algo alcoólico, mas, praticando a liberdade como ato da virtude da temperança, ele se controle e peça outra bebida que não seja alcoólica. O indivíduo educa-se e, dessa forma, liberta-se de si mesmo em primeiro lugar. “[...] os gregos legaram uma lição absolutamente fundamental para a civilização humana: a educação é pressuposto para a liberdade” (Boeira 2020, p. 20).

Diante disso, ainda em debate a respeito do conceito de liberdade, pode-se questionar sobre o que é o conceito de liberdade sem a educação. Boeira (2020) afirma que a liberdade se torna apenas algo formal, uma forma de capacidade de agir sem padrões, sem uma vida a perseguir. Em outras palavras, é seguir com uma vida sem sentido.

Liberdade, em sua etimologia, deriva do latim *libertas, -atis*, que significa condição livre do homem. Apesar da derivação vir do mesmo caminho, modificando-se apenas o sufixo *-agem*, que traz a ideia de uma ação contínua, não se encontram muitos dados dos registros históricos da origem da palavra libertinagem. O termo libertino foi encontrado em inúmeros documentos e registros datados do século XVIII, quando, em decorrência das ideias Iluministas, os indivíduos passaram a questionar a entidade da Igreja Católica, bem como o catolicismo, e a Ciência passou a ter maior destaque entre o pensamento popular.

De acordo com Nunes (2019), em seu artigo “Discursos libertinos, iluminismo e cultura religiosa no mundo luso-brasileiro ao final do século XVIII”, muitos dos registros são fontes de processos inquisitoriais, relatórios de polícia, peças teatrais e poemas. Em boa parte desses registros, os chamados libertinos eram materialistas associados às condutas

corruptas e licenciosas, com opiniões contrárias e críticas à Igreja. Um libertino era considerado um “livre pensador”, relaxado em relação às autoridades de seu tempo e que seguia somente a lei do prazer (Nunes, 2019).

De acordo com o Grande Dicionário da Língua Portuguesa (2013), ao se procurar o significado da palavra libertinagem, o resultado é composto por termos como devassidão, desregramento de costumes, devasso, ímpio, comportamento de entrega desmedida aos prazeres sexuais, descrença, insubmissão.

A diferença entre os termos se torna clara, cabendo aqui, afirmar que eles quase se colocam como opostos, quando se leva em consideração que a liberdade é a educação de si mesmo, com cuidado e precaução para não vivenciar a libertinagem, ou seja, a entrega desmedida a qualquer situação que surgir ao indivíduo.

Liberdade em Logoterapia

Viktor Emil Frankl (1905-1997) era médico, psiquiatra e neurologista, e sobreviveu à realidade dos campos de concentração da época da Segunda Guerra Mundial. Buscando entender o sentido da vida desde muito cedo, teve contato próximo com as teorias de Freud e Adler. Mesmo com a explicação dos autores, considerou-as reduzidas em sua visão de pessoa humana. O próprio autor utiliza como exemplo a psicanálise de Freud ao considerar o sujeito como um sistema fechado em si mesmo, que sofre a atuação de forças externas e internas em busca constante pela “felicidade”. Ou, melhor como colocado por Freitas (2016), pela homeostase do sistema biopsíquico do sujeito, que tem como finalidade o seu prazer, o seu bem-estar.

Presente em ambas teorias de referência para os estudos nas áreas humanas, reduzir o indivíduo dessa forma, de acordo com Frankl (2019), deixa-o à mercê do destino, seja biológico, psicológico e/ou sociológico. Determinado por esses destinos, o indivíduo encontra-se sem maiores possibilidades de qualquer resposta a esses condicionantes. Porém, para Frankl (2019), o ser humano pode ir muito além disso. Contrariando a visão reducionista, Frankl (2019) amplia o conceito de pessoa humana. Antes, porém, faz-se

necessário destacar que o autor não negou a existência dessas forças externas e internas, ou condicionantes, que influenciam o ser humano. Para ele, a pessoa humana é constituída da dimensão biológica – que abarca todos os fenômenos físicos, corporais – e da dimensão psíquica – que compreende os impulsos, instintos, sentimentos, emoções e cognições. Contudo, Frankl (2019) foi além e apresentou a pessoa em sua totalidade, afirmando que o ser humano é constituído não de uma, nem de duas, mas de três dimensões. Além da biológica e da psíquica, existe a dimensão espiritual (ou em grego, *noos* – dimensão noética) – que constitui o indivíduo propriamente dito, em sua liberdade para agir diante da vida. Ser pessoa humana, dessa forma, vai além da vontade de prazer e da vontade de poder, presentes nas teorias de Freud e Adler. É dirigir-se para algo ou para alguém, ser aberto para o mundo, para além de si mesmo, tendo como força motivadora principal a vontade de sentido – orientação do ser humano à busca pelo sentido de sua existência.

Frankl (2018) afirma que o sentido da vida não é dado, mas pode e deve ser encontrado. A capacidade intuitiva que capta o sentido da pessoa humana é a consciência. Necessário se faz colocar que o conceito de consciência, aqui, não é o de processos condicionantes, nem o de origem neurológica do indivíduo estar desperto, em estado de alerta. A consciência é conceituada, através da Logoterapia, como um “órgão-sentido” (Frankl, 2019, p. 131), que fala ao ser humano. É a consciência que revela o sentido primordial, na busca pelo sentido da existência, de uma determinada situação. Ela capta os valores a serem realizados pelo ser humano e, quando realizados, o conduz a autotranscendência – capacidade especificamente humana que constitui a dimensão noética.

Pode-se encontrar o sentido de três formas diferentes: a primeira, por meio do que se doa à vida (criando um trabalho, por exemplo); a segunda, por meio do que se recebe do mundo (experiências, valores, encontros); e, por fim, por meio da atitude a ser tomada diante de um destino imodificável ou sofrimento inevitável. São esses os valores a serem realizados pelo ser humano e que a consciência capta. Ou seja, ao deparar-se com uma situação específica, o indivíduo toma a atitude de realizar um valor ou não, captado pela sua

consciência, exercendo, dessa forma, sua liberdade. Nas palavras de Freitas (2016, p. 65), “[...] liberdade é obedecer à própria consciência!”.

Contudo, essa liberdade do homem é limitada. O ser humano não é “livre de”, ou seja, não está livre dos condicionantes biopsíquicos. Estes se apresentam ao homem por sua natureza, mas é a dimensão espiritual (noética) que irá decidir qual curso essa será tomando diante dessa demanda condicional (Frankl, 2019). Sendo assim, o ser humano não é “livre de”, mas é “livre para”, quando, em se deparando com as demandas biopsíquicas, com a sua dimensão noética, escolhe qual será o valor a ser realizado. Exerce, aqui, o ser humano, a escolha livre e responsável, seguindo para encontrar o sentido da existência e, como consequência, o bem e a felicidade (Frankl, 2019).

Ser livre está ligado e atrelado, diretamente, à responsabilidade. Ser responsável é saber exercer a escolha pela melhor resposta em cada situação, ou, em outras palavras, é saber decidir entre os valores que pedem a realização – qual desses valores devem ser concretizados.

Ser-livre e ser-responsável são condições simultâneas que fazem parte do movimento da pessoa humana na busca pelo sentido. E, dessa forma, como um toque ainda mais significativo à responsabilidade, está a temporalidade. Na temporalidade, a responsabilidade assume seu caráter mais próprio, já que convoca o ser humano a dar sua resposta, sua decisão, àquilo que vai concretizar ou deixar passar a cada momento da sua vida. Pode ser angustiante encontrar-se face a face com a responsabilidade pelas decisões que ecoarão pela eternidade, ou, paradoxalmente, prodigioso, já que permite à pessoa vislumbrar, de certa maneira, as possibilidades de seu futuro, afinal, é a ela que cabem as decisões tomadas diante das situações da vida (Freitas, 2016).

Consciência, liberdade e responsabilidade não podem ser desligadas uma da outra na procura pelo sentido da vida. A todo momento, esse ser humano é chamado a exercer sua liberdade, inclusive na escolha de não desejar realizar o sentido potencial de sua vida (Frankl, 2019). O sentido é único, objetivo e está no mundo, aguardando ser desvelado, a partir da realização dos valores.

Revolução Sexual

Em meados do século XVIII, circulavam ideias de pensadores e filósofos iluministas por toda a Europa. Essas ideias foram responsáveis pelo nascimento das grandes revoluções inglesa e francesa, movimentos que influenciaram a modificação cultural e política por todo o mundo. Grandes gênios da história, como Platão e Aristóteles, bem como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, tiveram suas ideias contestadas, como se fossem ultrapassadas, pelos ideais iluministas. O Iluminismo concentrava-se na matéria, na racionalização das coisas, imprimindo à ciência grande destaque. Essa corrente de pensamento, ia de encontro aos ensinamentos religiosos predominantes durante a Idade Média. O objetivo era libertar o homem das amarras existentes daquela época, fazendo com que ele passasse a se considerar, então, o centro do mundo, no lugar de Deus. O homem bastava-se e o mundo era tal como se vê.

O conceito antropológico que coloca em supremacia o biológico do homem, advindo da física newtoniana, para muitos autores da época, possuía implicações no âmbito da sexualidade. Um escritor de grande destaque e de influência para as ideias da libertação sexual e base da Revolução sexual, foi o Marquês de Sade. Preso diversas vezes, inclusive na Bastilha, antes de sua queda, Sade ficou marcado por escrever conteúdos pornográficos, alguns durante as vezes em que esteve preso. Suas obras propagavam uma filosofia que foi entendida como revolucionária (Jones, 2019) e era consumida avidamente pela cultura francesa da época.

Sade defendia a pauta da liberação das tensões eróticas, da relação sexual indiferente e aleatória entre as pessoas (afinal, os seres humanos eram apenas máquinas biológicas, meros instrumentos para se conseguir prazer), da importância do prazer e da inutilidade do casamento. Se o homem se bastava a si mesmo, o seu prazer poderia vir de si mesmo. Dessa forma, Sade racionalizou a masturbação, tornando-a a estrutura base de sua ficção (Campagnolo, 2019).

Outro autor que se destaca é o iluminista William Godwin, inglês, que aplicou, igualmente, as ideias da física newtoniana à ordem social: as relações humanas são decorrentes do encontro eventual de átomos aleatórios. Esse pensamento desconsidera aquilo que era sagrado ao homem, como família e religião. Para Godwin, então, o casamento não passava de uma fraude e dizia respeito, apenas, à uma questão de propriedade material, (Jones, 2019). “Enquanto continuo buscando aferrar uma mulher a mim, proibindo que o próximo prove seu merecimento superior e colha os frutos, sou culpado do mais odiosos dos monopólios” (Godwin, citado por Jones, 2019, p. 66).

Dentre outros grandes nomes que marcaram o pensamento revolucionário da libertação sexual, inclusive das mulheres, estava Percy Shelley, marido da famosa escritora Mary Shelley, autora de Frankenstein. Percy Shelley foi um discípulo de Godwin e também era contra a instituição do casamento, acreditando que homens e mulheres deveriam se unir apenas enquanto há conforto para as partes. Caso isso não ocorra, o mais correto é que essa conexão seja dissolvida. Shelley, junto com sua esposa, mantinham a vida juntos de acordo com as premissas que acreditavam, de amor livre. Tinham a fama de fazer parte da “liga do incesto” e também concordavam com o aborto (Jones, 2016).

Quando Shelley morreu, a primeira revolução sexual morreu com ele. O que se seguiu foi o repúdio da libertação sexual que se tornou conhecido como a Era Vitoriana. Sua viúva dedicou o resto de sua vida a apagar seus experimentos sexuais da memória pública. (Jones, 2016, p. 124)

A Era Vitoriana foi marcada pelo puritanismo inglês e grande repressão a qualquer movimento que fizesse apologia ao sexo. Essa repressão sexual permaneceu forte até que Sigmund Freud trouxesse à tona os problemas advindos dela. A partir dos escritos da psicanálise, a questão do sexo e do prazer foram trazidos à tona novamente.

Com Freud, vieram outros autores, por exemplo, Watson (com o behaviorismo, ou Teoria Comportamental), Jung (como discípulo da psicanálise freudiana), entre outros, que

destacaram o homem, de acordo com suas próprias teorias, como um ser comandado pelo orgânico/biológico, que sofre a influência de estímulos externos – por exemplo, do ambiente em que se encontram – e internos (pulsões e impulsos inconscientes), fora de seu controle.

Precisa-se pensar, no entanto, que indo de encontro às questões puritanas da época, qualquer movimento que surgisse, seria revolucionário. E, no caso, a revolução ocorreu diante da renovação cultural – movimento de libertação pancultural – e teve auxílio das mídias que circulavam na época. De acordo com Jones (2016), para essa renovação, seria necessário que se isolasse os indivíduos de afiliações étnicas, religiosas, tradicionais e de códigos morais para que o espaço se abrisse para a opinião que seria geral, ou de todos, propagada por essa mídia, e que fosse uma autoridade. Nesse meio, surgiu, então, a ciência.

Talvez um dos mais marcantes eventos tecnológicos que ocorreu na história da humanidade, foi o da Revolução Industrial. Essa época marcou uma grande modificação na dinâmica familiar: com a ida dos homens para lutarem na Primeira Guerra Mundial, foi necessário que as mulheres ocupassem os seus lugares nos postos de trabalho para manter a vida econômica, comercial e industrial ativas. Com isso, deu-se início ao movimento de saída das mulheres dos trabalhos do lar para assumirem os trabalhos nas fábricas e, posteriormente, no mercado de trabalho.

Algumas autoras se destacaram ao trazer à tona esse assunto, como Margaret Sanger, Simone de Beauvoir e Betty Friedan. Apesar de épocas e escritas diferentes, o que as três possuem em comum são as ideias contra a instituição do casamento, a família e a concepção. Elas acreditavam que essas instituições escravizavam as mulheres e as reprimiam em suas potencialidades. Com o avanço tecnológico e científico, houve facilitação de acesso aos métodos contraceptivos, o que permitia às mulheres uma vida sexual livre, sem a necessidade de se preocupar com a responsabilidade da gravidez. Separou-se, assim, o sexo por prazer do sexo para procriar. (Campagnolo, 2019). Passou a existir, então

[...] o desejo de algumas mulheres ocidentais de reproduzir os defeitos sexuais que sempre foram, no imaginário social, atribuídos aos homens: promiscuidade,

desapego e irresponsabilidade com relação aos filhos. Se há um símbolo para a [...] fase do movimento é precisamente a inveja do vício. [...]

Essa “questão sexual” e esses “vícios” passaram a ser pública e ostensivamente defendidos [...]: faça amor, não faça guerra, goze livremente, lute pela soberania de seus desejos, liberte-se da decência, assumo-se, viva o amor livre. (Campagnolo, 2019, pp. 156 e 157)

Em tempos mais recentes, a crescente facilidade de acesso aos meios de comunicação, fez com que as ideias de libertação sexual fossem fortemente difundidas entre a população mundial. Filmes, novelas e revistas começaram a divulgar o slogan hippie da época: “faça amor, não faça guerra”, com a justificativa de fim social. Uma pauta levantada nessa época, e que já tinha sido defendida por Sade, foi a da masturbação e da coragem de se masturbar (Jones, 2016).

A consequência de todo esse movimento não foi apenas político, mas cultural. A indústria cinematográfica passou a utilizar da nudez para atrair as pessoas para o cinema, principalmente a partir de 1973, com o marco do lançamento *Garganta Profunda*. Além disso, os métodos contraceptivos passaram a ser utilizados pelos governos como forma de solução de problemas sociais (Jones, 2016).

Por trás de ambos os exemplos de “libertação” pairava o espectro do controle, um fato que era verdadeiro também em um sentido mais amplo, pois o resultado de ambas as “liberalizações” foi uma sociedade sexualmente desestabilizada, onde cada vez mais pessoas sucumbiam de forma sonâmbula à exploração financeira de suas paixões, se tornando conseqüentemente escravos sexuais e financeiros. (Jones, 2016, p. 744)

Atualmente, a maior forma de acesso a produtos com conteúdos sexuais é a internet, ou a deep web. São diversos os sites existentes que fornecem tópicos diferenciados dentro da mesma temática: sadismo, masoquismo, *ménage*, sexo grupal, pedofilia, incesto, entre

outros. A facilidade do acesso a esses temas fez com que se tornassem banalizados e, algumas vezes, naturais e compreensíveis. Aliando isso ao controle que existe da conexão das máquinas – alguém consegue vigiar tudo o que você faz dentro da internet –, traz, mais uma vez, a ideia de controle social. Saber do que é buscado pelas pessoas, movidas pelas suas paixões, faz com que elas sejam escravas dessas mesmas paixões e, por consequência, controladas pelo consumo, para atender aos interesses de quem as controla (Jones, 2016).

Discussão e Conclusão

Consequências atuais da Revolução Sexual

De acordo com o que foi exposto anteriormente, faz-se possível constatar que o movimento revolucionário de libertação sexual encontra-se atualmente ativo nos tempos atuais. Não encontrou-se nos relatos escritos e nas obras pesquisadas, um marco histórico que comprovasse a finalização desse movimento. Dessa forma, tem-se política e culturalmente descrito, atualmente, a busca pelo prazer sexual como um fim em si mesmo, desassociado da procriação ou de laços afetivos, e como direito intransferível e soberano de todas as pessoas.

Cerqueira (2011, p. 73) afirma que “A sexualidade humana finalmente liberta de tabus e de preconceitos pode tornar-se, paradoxalmente, fonte de desencanto e de indiferença”. O modelo de relação sexual que é amplamente divulgado pelas mídias sociais é o do sexo descartável, que reduz a sexualidade à simples experiência prazerosa, sem fortalecimento de relações afetivas. O que se “vende”, desde quando esses conceitos ideológicos adentraram as mídias sociais, seja em revistas, cinema, novela, música, ou outras fontes culturais, são técnicas, caminhos e produtos para se alcançar o prazer sexual. “Estamos em uma sociedade do descartável não só de objetos materiais, mas também das relações e da própria pessoa humana” (Freitas, 2016, p. 23).

Dessa forma, se, por um lado, tem-se a conquista da pluralidade dos costumes e do exercício livre da sexualidade, por outro, tem-se uma gama de pessoas vítimas da liquidez –

“qualidade daquilo que não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo” (Freitas, 2016, p. 22) – das suas relações.

Freud, através da psicanálise, pode comprovar a importância que a questão sexual possui nas expressões da vida do ser humano, todavia, limitou a força do inconsciente apenas na análise de condutas e emoções decorrentes da repressão sexual imposta pelos tabus da época. “Tornou-se popular aplicar o conceito de repressão exclusivamente à sexualidade e crer que, ao vencê-la, se alcança sempre o prazer e a felicidade” (Cerqueira, 2011, p. 75). Explicar o comportamento humano de maneira reducionista, impede a visão da dimensão propriamente humana. O ser humano não é apenas um ser levado a gratificar suas necessidades e satisfazer impulsos e instintos, como já foi dito anteriormente. Mas busca expandir-se para fora de si, seja em busca de um sentido para si, seja em direção a outro ser humano, em um encontro de amor (Frankl, 2005).

Necessário faz-se, então, dizer que, no caso deste trabalho, não se pode falar sobre sexo sem falar sobre o amor. O amor “é um fenômeno especificamente humano.” (Frankl, 2005, p. 83) e “o encontro de amor impede definitivamente que se veja ou se use o outro ser humano como um simples meio para um fim – instrumento para reduzir a tensão criada pelos impulsos e instintos libidinais ou agressivos” (Frankl, 2005, p. 84). Quando uma pessoa, verdadeiramente, ama o(a) seu(sua) parceiro(a), enxerga nele(a), verdadeiramente, sua humanidade, sua unicidade. Essa unicidade leva à união monogâmica, já que o(a) parceiro(a) não é substituível. Fora da unicidade, de acordo com Frankl (2005), a pessoa acaba por se reduzir à promiscuidade – procura apenas pela redução da tensão –, perdendo qualidade de vida. Diante disso, busca compensar essa perda de qualidade com crescente e intensa estimulação sexual, disponibilizada, por exemplo, pela pornografia.

Apresenta-se, então, a primeira narrativa presente no progresso da libertação sexual: existem pessoas que sabem ser um bom negócio, ou, melhor, um progresso financeiro (Frankl, 2005).

Se a sexualidade for apenas uma forma de satisfação própria, desvaloriza-se e desumaniza-se. Para Frankl (2005a), citado por Freitas (2016), os eventos de massificação

do sexo, da pornografia e da promiscuidade são sintomas de retardamento da maturação sexual da pessoa humana. Essa pressão para consumo de produtos sexuais representa um fator a mais no desencadeamento das neuroses coletivas atuais: o ser humano, atuando de acordo com o *carpe diem*, vive o agora, desprezando antigos aprendizados, sem rumo a seguir ou metas a alcançar; a consequência disso são as inseguranças e os medos existenciais, o que provoca o impedimento para assumir compromissos, descartando aquilo que não mais precisa, após fazer uso, seja um objeto, uma situação ou uma pessoa; tendo em vista apenas a fugacidade das coisas, falta-lhe o incentivo para lutar, mudar e conduzir seu próprio destino; cresce-lhe a fragilidade, tornando-o suscetível a aceitar que sua vida é determinada por fatores exteriores e não há opção para fugir disso – pandeterminismo; sem reconhecer recursos interiores, deixa-se conduzir no rumo dos acontecimentos propostos pela maioria, perdendo, assim, a própria identidade, tornando-se anônimo; ao ignorar a si mesmo, tende a ignorar a individualidade e a forma de visão de mundo do outro, principalmente aquele que pensa de forma diferente à massa; por fim, tudo isso induz à irresponsabilidade e, consequentemente, ao mau uso da sua liberdade (Cerqueira, 2011).

Como visto anteriormente, não há como desvincular o ser-responsável do ser-livre. São condições simultâneas e indissociáveis. O ser-responsável sabe decidir, dentre os valores que surgem, qual deve ser concretizado diante da situação em que se encontra. Ao se encontrar sem habilidade de decisão, sem uma direção, acaba por frustrar sua busca pelo sentido, deixando-se levar pelo conformismo – desejar fazer aquilo que os outros fazem –, ou pelo totalitarismo – fazer o que outras pessoas desejam que ele faça. Tem-se, então, o que Frankl chama de vazio existencial. Logo, “[...] o homem, não mais dirigido pelos impulsos e instintos com relação ao que deve fazer, nem pelas tradições ou valores com relação ao que deveria fazer, agora não sabe nem mesmo o que gostaria de fazer.” (Frankl, 2005, p. 86).

A desestruturação da cultura tradicional, como mostrado na evolução histórica da Revolução Sexual, desorientou o ser humano, que acaba fazendo, ou acreditando que deseja fazer, aquilo que outros querem que seja feito (Frankl, 2019). Mais ainda, pode achar que deseja aquilo que o mercado midiático produz, seja qualquer conteúdo que for.

Coloca-se, portanto, como uma das grandes consequências da Revolução Sexual, o aumento no número de casos de pessoas que padecem pelo vazio existencial. O homem adentra um círculo vicioso em que quanto mais prazer procura ter, menos satisfação consegue, buscando, novamente, outras fontes e estímulos para adquirir mais prazer. Isso se dá porque, diante do esmorecimento da vontade de sentido, pode haver uma compensação através da vontade de poder ou da vontade de prazer – busca pela compensação sexual. A pessoa humana, ao se ver diante da frustração do sentido, busca o prazer através dos instintos. Encontrando-o, há a redução temporária das tensões, que leva à homeostase. Todavia, sem a realização de um valor, a pessoa cai novamente na frustração do sentido, retomando a busca, às vezes, de forma mais intensa, pelo prazer. Diante disso, é possível dizer que a promoção do vício apenas favorece a escravidão por esse mesmo vício. Coisificar a pessoa humana, tratando-a como um objeto com função de prazer imediato, faz com que o vazio existencial seja acentuado, a vontade de sentido entorpeça e o sentido da vida seja ensombrado (Freitas, 2016).

A sexualidade é sinal da necessidade e do potencial de encontro interpessoal; dinamismo de abertura, é a porta para o outro, força que leva a pessoa a buscar a relação, o conhecimento daquele diferente de si mesmo. [...]

O ser humano aspira pela presença do “outro”, pelo encontro que só se realiza quando ele próprio se torna presença e abertura [...]. (Cerqueira, 2011, p. 89).

À medida em que as televisões passaram a ser populares nas casas comuns, mais pessoas tiveram o acesso às divulgações de conteúdo sexual, mesmo que de forma sutil, como nas telenovelas e em filmes. Nessa época já teve início outra consequência advinda da Revolução Sexual: a erotização das crianças e da infância. Esse movimento tornou-se ainda maior com a facilidade do acesso às redes sociais atuais, como Instagram, TikTok e Facebook. Com a exposição a esses conteúdos e com a inflação da sexualidade, pode ocorrer o início precoce da vida sexual entre crianças e adolescentes. A antecipação das experiências

sexuais pode gerar prejuízos, de acordo com Freitas (2016), urgentes e posteriores em relação à experimentação da sexualidade, sujeitando-os a abusos sexuais, à exploração e à violência. Além disso, pode ocorrer modificação na forma de encarar as questões sexuais: precipitação e desumanização (Bonfim, 2015, citado por Freitas, 2016, p. 45). Além disso, cria-se, ainda, a possibilidade de maternidade e paternidade precoce, sem preparo psicológico e sem estrutura socioeconômica por parte dessas crianças e adolescentes para assumir tal responsabilidade.

Conclusão

A desestruturação e tentativa de destruição das entidades de sustentação social, como a família e a religião, em conjunto com interesses de cunho econômico, lucrativo e de poder, provenientes da Revolução Sexual, possibilitaram um intenso padecimento ao vazio existencial. O que ocorre, de acordo com Miguez (2011), é uma verdadeira negação dos conceitos de pessoa humana trabalhados por Frankl: “a autotranscendência, a necessidade de encontro, de descobrir a alteridade, de completar-se na diferença, de viver relacionamentos afetivos fortes” (Miguez, 2011, p. 144). Diante disso e dos cenários decorrentes da libertação sexual, trazidos neste trabalho, fica o seguinte questionamento: quais as possibilidades existentes para a ação diante da modificação já confirmada do cenário político e social?

Freitas (2016), propõe, em sua obra, o desenvolvimento de uma educação sexual que seja baseada nos conceitos de consciência e de responsabilidade, abarcando as esferas da existência humana para o aprimoramento saudável da sexualidade humana. Para isso, primeiramente, faz-se necessário superar as teses puramente biopsicossociais, que desconsideram a imagem de ser tridimensional apresentada por Frankl (2019). A pessoa não pode ser dividida ou reduzida em somente uma dimensão. Ao levar em consideração as dimensões biológica, psíquica e espiritual, a pessoa humana torna-se existencial, ou, em outras palavras, torna-se livre e responsável para decidir qual valor será realizado e, assim, abrir a possibilidade de cumprir o sentido de sua vida (Miguez, 2011).

Frankl (2019) afirmou que a motivação básica da vida do ser humano é a vontade de sentido, ou seja, orientar sua vida em direção a um sentido. Pois eis que a época atual vem se consagrando a possibilidade de negar essa necessidade básica da pessoa humana: a busca do sentido. Negar a realização dos valores, leva ao vazio existencial que, segundo Miguez (2011, p. 144), “favorece a proliferação da libido sexual, o que explica essa inflação da sexualidade que estamos vivendo”. O desequilíbrio sexual, como já dito acima, advém da frustração da vontade de sentido, compensada pela vontade de prazer, que desencadeia o ciclo do vício. Esses são sintomas da neurose, coletiva ou não. De acordo com Frankl (2005, p. 85), “[...] só um neurótico está em primeiro lugar preocupado em expelir seu esperma, servindo-se da masturbação ou usando um(a) parceiro(a) como um outro meio para o mesmo fim”.

O mecanismo dessa sociedade do consumo, sob a égide da “sedução”, vem multiplicar e diversificar as ofertas – essa é a dinâmica que dirige o mundo: valem todos os programas, todas as relações humanas e sexuais, vale tudo desde que traga bem-estar e satisfaça o desejo imediato (não as aspirações mais profundas). (Miguez, 2011, p. 141)

O desafio do homem, então, é conseguir identificar os valores presentes em cada situação, selecionar aquele que é a melhor resposta para aquela situação daquela pessoa e, por fim, decidir-se em realiza-lo ou não. A pessoa é livre para agir diante de seus impulsos e das pressões do meio ambiente. Ao contrário do que a liberdade sexual prega, o ser humano não é escravo de suas necessidades, que se volta à satisfação imediata. Também não é condenado a reagir ou obedecer aos impulsos psíquicos.

O movimento é a noodinâmica, cuja força principal é a vontade de sentido, que nos faz caminhar partindo da situação atual, do que sou, para chegar ao ideal, ao que posso vir a ser, ao que tenho potencialidade e dever de ser. É chamada noodinâmica essa dinâmica entre o ser e o dever ser, em contraposição à psicodinâmica proposta

por Freud. Os impulsos estão presentes sempre, porém, na noodinâmica, entre o impulso e a reação, se insere a liberdade que permite à pessoa ir além das pulsões e dizer sim ou não à possibilidade de realização de sentido. (Freitas, 2016, p.76)

Outro ponto a ser trabalho com o ser humano é o sentido do amor. Segundo Freitas (2016, p. 81), o amor “é um aspecto do fenômeno humano mais amplo da autotranscendência, da capacidade de abertura ao outro, ao mundo, à transcendência”. Frankl (2019) afirma que o amor não se restringe às relações eróticas e instintivas, de mera satisfação dos impulsos, para a autorrealização das pulsões, com um parceiro anônimo. Todavia, amar é poder “dizer tu a alguém. E [...], ainda dizer sim a ela: portanto, não somente ocupar-se dela em sua essência, em sua singularidade e unicidade, [...], mas ainda reconhecê-la em seu valor intrínseco” (Frankl, 2019, p. 80).

O corpo humano, quando orientado pelo sentido do amor, mostra-se belo e relevante no momento da relação sexual (Freitas, 2016), representando a dimensão biológica e expressando, além dos fenômenos físicos, a personalidade daquele ser humano que o possui, irradiando amor. Viver o amor em seu sentido autêntico, aquele dito por Frankl acima, é viver na plenitude do ser para a pessoa amada e para si mesmo. O ser humano amado encontra seu valor e se realiza quando reconhecido em sua singularidade e irrepetibilidade para quem o ama. Nessa entrega recíproca é onde o amor acontece (Miguez, 2011).

O amor, como capacidade intrínseca da dimensão espiritual do homem, que dirige e integra todas as atitudes e vivências da sexualidade correspondentes a cada nível do amadurecimento sexual, pode avançar sempre, não há limites para o amor. Diz Frankl (1989) que, se o homem não atinge os graus mais elevados de sua vida amorosa madura, é porque não ama de fato. (Miguez, 2011, p. 166)

Somente com o despertar da consciência e da responsabilidade, e com o resgate do sentido do amor, é que será possível à pessoa humana escolher crescer no amor,

independentemente de culturas e ideologias. Se a Revolução Sexual permanece em atividade nos tempos atuais, necessário faz-se aplicar à cultura as noções descritas acima para que a pessoa humana tome as rédeas de sua vida, saindo do controle tirânico de outros que lhe manipulam um modo de vida reducionista, hedonista e consumista, gerando na pessoa humana, pela sua incapacidade de ser-livre e ser-responsável, o vazio existencial. Como afirmou Cerqueira (2011, p. 125), “essa é a maior aspiração cujo caminho pode trazer como consequência a felicidade. Depende de cada um decidir sobre si mesmo, preenchendo o encontro interpessoal com o amor ou com o individualismo”.

Referências

- Boeira, Marcus (2020). Como a Liberdade foi tratada pelas Grandes Escolas Pedagógicas do Ocidente. Curso virtual ministrado através da plataforma de cursos Brasil Paralelo.
- Campagnolo, Ana Carolina (2019). Feminismo: perversão e subversão. Vide Editorial.
- Cerqueira, Elizabeth K. (2016). Sentido da Sexualidade Humana. In E. K. Cerqueira (Org.), *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos* (pp. 71-128). Difusão Editora. CBAM. CIEB.
- Ercole, Flávia F., Melo, Laís S., & Alcoforado, Carla Lúcia G. C. (2014). Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9-11.
<http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>
- Frankl, Viktor E. (2019). *Psicoterapia e Sentido da Vida*. Quadrante Editora.
- Frankl, Viktor E. (2018). *Psicoterapia para todos*. Editora Vozes.
- Frankl, Viktor E. (2005). *Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo*. Editora Ideias & Letras.
- Grande Dicionário da Língua Portuguesa (2013). Edição para Kindle.
- Jones, E. Michael (2019). *Libido Dominandi: libertação sexual e controle político*. Vide Editorial.
- Miguez, E. Marques (2011). Sexualidade: Fundamentos antropológicos e o papel da educação. In E. K. Cerqueira (Org.), *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos* (pp. 131-168). Difusão Editora. CBAM. CIEB.

Nunes, Rossana A. (2019). Discursos libertinos, iluminismo e cultura religiosa no mundo luso-brasileiro ao final do século XVIII. *Varia História*, 35(69), pp. 723-752.
<https://doi.org/10.1590/0104-87752019000300003>